



University of
Texas Libraries



e-revist@s



Centro Unversitário Santo Agostinho

revistafsa

www4.fsnet.com.br/revista

Rev. FSA, Teresina, v. 17, n. 8, art. 7, p. 149-172, ago. 2020

ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983

http://dx.doi.org/10.12819/2020.17.8.7

DOAJ DIRECTORY OF
OPEN ACCESS
JOURNALS

WZB
Wissenschaftszentrum Berlin
für Sozialforschung



O Uso de Expressões Pejorativas em Relação a Gênero e Sexualidade na Perspectiva de Futuros Professores

The Use of Derogatory Expressions in Relation to Gender and Sexuality in the Perspective of Future Teachers

Lucas de Souza Ortolan

Licenciando em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro

E-mail: lucas_ortolan@hotmail.com

Daniel Souza Possari

Licenciando em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro

E-mail: danielpossari@gmail.com

Victor Gabriel Paes

Licenciando em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro

e-mail: victogpaes@yahoo.com.br

Luís Gustavo da Conceição Galego

Doutor em Genética pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Professor Associado I/Universidade Federal do Triângulo Mineiro

E-mail: luis.galego@uftm.edu.br

Fernando Lourenço Pereira

Doutor em Imunologia pela Universidade de São Paulo

Professor Adjunto IV/Universidade Federal, do Triângulo Mineiro

E-mail: fernando.pereira@uftm.edu.br

Endereço: Lucas de Souza Ortolan

ICENE/UFTM – Av. Randolpho Borges Jr., 1400,
Univerdecidade, CEP: 38.064-200, Uberaba/MG, Brasil.

Endereço: Daniel Souza Possari

ICENE/UFTM – Av. Randolpho Borges Jr., 1400,
Univerdecidade, CEP: 38.064-200, Uberaba/MG, Brasil.

Endereço: Victor Gabriel Paes

ICENE/UFTM – Av. Randolpho Borges Jr., 1400,
Univerdecidade, CEP: 38.064-200, Uberaba/MG, Brasil.

Endereço: Luís Gustavo da Conceição Galego

ICENE/UFTM – Av. Randolpho Borges Jr., 1400,
Univerdecidade, CEP: 38.064-200, Uberaba/MG, Brasil.

Endereço: Fernando Lourenço Pereira

ICENE/UFTM – Av. Randolpho Borges Jr., 1400,
Univerdecidade, CEP: 38.064-200, Uberaba/MG, Brasil.

**Editor-Chefe: Dr. Tonny Kerley de Alencar
Rodrigues**

**Artigo recebido em 07/04/2020. Última versão
recebida em 29/04/2020. Aprovado em 30/04/2020.**

**Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review
pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review
(avaliação cega por dois avaliadores da área).**

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação



RESUMO

Os padrões heteronormativos são prevalentes nas sociedades contemporâneas, em especial no contexto brasileiro. Esses padrões podem acarretar uma subjugação de outros, produzindo a propagação de preconceitos mascarados em forma de expressões e piadas em relação a gênero e sexualidade. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho foi sensibilizar futuros professores, usando como metodologia oficinas dinamizadas, realizadas com os licenciandos dos cursos de ciências biológicas, química, física e matemática do ICENE/UFTM, nas quais foram coletadas as percepções dos sujeitos em relação ao gênero e a sexualidade a partir de expressões linguísticas utilizadas em contextos diversos. Os resultados podem indicar um posicionamento contrário ao uso de expressões pejorativas em qualquer contexto da sociedade, sobretudo o escolar, e que o tratamento de conceitos relativos à diversidade sexual deve ocorrer de forma cuidadosa e não estereotipada. Constatou-se que os futuros professores e todos os profissionais da educação precisam de conhecimentos acerca da educação para a sexualidade, tanto durante sua formação inicial quanto na continuada, para que possam efetivamente lidar com as discriminações e preconceitos que ainda são perpetuados contra comportamentos e atitudes não heteronormativas.

Palavras-Chave: Sexualidade. Piadas de Gênero. Formação Inicial de Professores.

ABSTRACT

Heteronormative patterns are prevalent in contemporary societies, especially in the Brazilian context. These patterns can lead to a subjugation of others, producing the spread of masked prejudices in the form of expressions and jokes about gender and sexuality. In this sense, the objective of this work was to sensitize future teachers, using as methodology dynamic workshops, held with the graduates of the biological sciences, chemistry, physics and mathematics courses at ICENE / UFTM, in which the subjects' perceptions regarding gender were collected. and sexuality based on linguistic expressions used in different contexts. The results can indicate a position contrary to the use of pejorative expressions in any context of society, especially the school, and that the treatment of concepts related to sexual diversity must occur in a careful and not stereotyped way. It was found that future teachers and all education professionals need knowledge about sexuality education, both during their initial and continuing education, so that they can effectively deal with the discrimination and prejudices that are still perpetuated against behaviors and attitudes non-heteronormative.

KEYWORDS: Sexuality. Gender Jokes. Initial Teacher Training.

1 INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea assume como padrão aceitável a heteronormatividade (SARAIVA; SANTOS; PEREIRA, 2020). A heteronormatividade está associada com uma linha de pensamento que considera as relações de heterossexualidade e seus desdobramentos no gênero como normas dentro de uma sociedade (WARNER, 1993; ALMEIDA, 2002; ANDREOLI, 2011; CARRIERI *et al.*, 2013), de forma que um sujeito que foge desses padrões, expressões e argumentos preconceituosos são desencadeados e evidenciados no cotidiano. De fato, Porto e Feitosa (2017) afirmam que a naturalização da heterossexualidade descarta qualquer diversidade, estigmatizando os sujeitos que não se enquadram nessa norma.

Os padrões da heteronormatividade podem ser reproduzidos no cotidiano escolar, a ponto de estes serem considerados o único comportamento “normal” e aceitável (LOURO, 1999; GARCIA, 2009). De fato, qualquer comportamento que não siga a “norma heterossexual”, na qual posturas viris e masculinas apresentam maior valor social do que as demais e a hierarquização de gênero (homens>mulheres) é uma constante. (MOSSE, 1996; CONNELL, 1997; KIMMEL, 1998; LAMONT, 2000; BUTLER, 2003; HOLTER, 2004; HALE, 2012; PORTO; FEITOSA, 2017). Uma das maneiras desses padrões serem reforçados é por meio da linguagem, e denominações pejorativas em relação aos sujeitos não-heteronormativos contribuem para a manutenção desses padrões (COSTA, 1992; DIAS, 2000; LOURO, 2000; MOURA, 2008; JUNQUEIRA, 2009; PORTO; FEITOSA, 2017), e produzem uma severa autocensura nesses sujeitos fora do padrão (PORTO; FEITOSA, 2017).

O cotidiano escolar torna-se, nesse sentido, um espaço de manutenção dos padrões heteronormativos, muitas vezes refletidos nos códigos verbais e não verbais com os quais a comunidade se comunica. Os professores em formação, que em breve ocuparão esses espaços, devem refletir sobre essas questões. A proposta deste trabalho surge a partir da percepção de um grupo de estudantes do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM, Uberaba, MG) acerca da questão dos padrões heteronormativos e as expressões pejorativas relacionadas ao gênero e à sexualidade. Nas disciplinas de “Estudo e Desenvolvimento de Projetos I e II”, um grupo de três discentes, sob a supervisão de dois docentes, propôs a realização de oficinas sobre o tema, que foram ministradas a outros futuros professores, oriundos das Licenciaturas em Ciências Biológicas, Física, Matemática e Químicas que são oferecidas no “Instituto de Ciências Exatas e Naturais e Educação” (ICENE/UFTM).

O objetivo dessas oficinas foi sensibilizar os futuros professores acerca de preconceitos relacionados aos padrões não-heteronormativos, perpetuados por meio de expressões pejorativas em relação ao gênero e sexualidade. Além disso, foram realizadas análises e reflexões sobre a perspectiva desses licenciandos em relação ao tema, e de que maneira o padrão heteronormativo pode interferir na dinâmica social dentro da escola e como discussões dessa natureza podem propiciar aos professores em formação reflexões sobre sua prática docente.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O uso de expressões pejorativas relativas a gênero e a sexualidade no ambiente escolar é intenso. Piadas, ridicularizações, brincadeiras, jogos, apelidos, insinuações, expressões desqualificantes e desumanizantes são frequentemente utilizadas por alunos e, por vezes, por professores. Tratamentos preconceituosos, medidas discriminatórias, ofensas, constrangimentos, ameaças e agressões físicas ou verbais têm sido uma constante na rotina escolar de um sem-número de pessoas, desde muito cedo expostas às múltiplas estratégias do poder e a regimes de controle e vigilância (JUNQUEIRA, 2012).

Pode-se ressaltar que tais piadas e expressões difamatórias não direcionadas somente a homossexuais ou que apresentam outros padrões que não o heteronormativo, de forma que muitas vezes um indivíduo heterossexual, ao apresentar uma postura ou um comportamento que fuja desse padrão, também se torna alvo de preconceito (SOUZA *et al.*, 2016).

Godoi (2013) acredita que a multiplicidade de piadas, nomes jocosos e gozações possíveis demonstram a distinção de poder de uma heteronormatividade estabelecida, em contraponto a tudo aquilo que fuja a ela. Segundo o autor, não é necessário ser homossexual, bissexual, transexual ou travesti, mas apenas parecer fugir dessa regra.

A escola é um dos responsáveis principais para o processo de desconstruções de preconceitos e a disseminação da igualdade entre as pessoas. Porém, muitas vezes a instituição e os profissionais não se mostram preparados para tratarem do assunto de forma digna, rotineiramente ignorando os fatos, de forma que a diversidade sexual é constantemente ignorada nas escolas, sendo a heterossexualidade e seus estereótipos a única manifestação sexual possível, desqualificando as outras formas de expressão sexual (JESUS, 2015).

Nesse meio educacional, os preconceitos muitas vezes não se revelam diretamente. A violência não é somente física, mas principalmente verbal. Borges *et al.* (2011, p.26) consideram que essas manifestações preconceituosas:

[...] desvelam-se em formas mais sutis, como as de violência velada (simbólica), ou seja, através de piadas, brincadeiras jocosas ou mesmo comentários e insinuações de desejo de afastamento de pessoas reconhecidas como homossexuais.

Mesmo essas formas sutis podem produzir consequências psicológicas aos sujeitos que as vivenciam. Muitas instituições de ensino não sabem lidar com essas situações, permitindo que essas injúrias se perpetuem. Jesus (2015) afirma que há carência na formação docente de estudos que englobem as temáticas como diversidade sexual, homossexualidade e homofobia, de forma que @s docentes sintam-se despreparados para discutir esses assuntos em sala de aula. Tal situação contribui com a omissão desses temas no espaço escolar, acarretando diversas práticas homofóbicas (agressões físicas e/ou verbais, exclusões, ameaças simbólicas, entre outros) contra os indivíduos que se declaram contrários ao padrão heteronormativo. Assim sendo, o silenciamento e/ou negação da diversidade sexual na escola contribui para o enaltecimento das manifestações de preconceitos. Dessa forma, Junqueira (2012, p.66) afirma que:

[...] a escola se mostra como instituição fortemente empenhada na reafirmação e na garantia do êxito dos processos de heterossexualização compulsória e de incorporação das normas de gênero.

Muitas instituições de ensino corroboram para que as piadas aconteçam. Diretores, funcionários e professores emitem em seus discursos expressões inapropriadas e tendenciosas. É preciso que os docentes sejam preparados e formados para agir corretamente e não ignorem os julgamentos e intolerâncias, e nem os estimulem. Essas “brincadeiras” não podem ser consideradas naturais. Jesus (2015, p.22) ressalta:

[...] O educador pode, a partir de suas atitudes, ser o primeiro modelo no combate à homofobia, não permitindo comportamentos discriminatórios entre os alunos, seja em suas falas ou até mesmo em usos pejorativos de nomes, ou quaisquer outros tipos de conduta que levem à desvalorização do indivíduo homossexual. Desse modo, a educação tem um papel fundamental para a propagação da igualdade, de questionar a hierarquia da heterossexualidade e promover a cidadania.

Dessa forma, o educador precisa reconhecer sua função como agente crucial nessa luta para assim providenciar medidas cabíveis para futuras transformações no que diz respeito a esses comportamentos. Jesus (2015) propõe que um primeiro passo é identificar os argumentos a respeito da sexualidade que permeiam nossa cultura e então combatê-los tendo em vista o combate à discriminação e ao preconceito. O autor afirma ainda que a escola é um

espaço de socialização da diversidade sexual e deve concretizar seu compromisso com a igualdade.

O uso de expressões pejorativas no ambiente escolar apresenta um forte caráter preconceituoso que deve ser exterminado da nossa sociedade. “Para de ser viado”, “olha que gayzinho”, “anda igual homem”, “bichinha”, “baitola”, “sapatão”, “ela se veste igual um homenzinho”, “senta igual mocinha” são alguns exemplos comuns de expressões desse tipo e estão relacionados, em suma, com qualquer forma de existência de identidade de gênero ou de sexualidade diferente da heteronormativa (GODOI, 2013). Esses padrões heteronormativos precisam ser repensados, discutidos e ressignificados no ambiente escolar, e um momento importante para esse processo seria durante a formação inicial de professores.

3 METODOLOGIA

O trabalho foi desenvolvido a partir da realização de três oficinas sobre o uso de expressões pejorativas em relação ao gênero e à sexualidade oferecidas a licenciandos dos cursos de Ciências Biológicas, Física, Matemática e Química do ICENE/UFTM. Cada oficina foi desenvolvida com diferentes abordagens metodológicas, recursos e instrumentos avaliativos, o que possibilitou a identificação de uma variedade de resultados, além de aproximar a temática com as diversas aptidões dos alunos participantes. Após cada oficina, os realizadores da oficina realizavam anotações em um diário de campo, no qual redigiam suas impressões e reflexões sobre o que acontecera em cada uma delas.

A divulgação das oficinas ocorreu através de cartazes (Figura 1), que foram espalhados pelos murais do ICENE/UFTM. Os cartazes foram confeccionados com o objetivo de despertar curiosidade dos leitores pelo tema e ao mesmo tempo instigar futuros professores a participarem das oficinas. Um código QR foi desenvolvido e sua adesão ao cartaz possibilitava que os discentes interessados pudessem realizar instantaneamente inscrições *online* através de seu smartphone.

Cerca de 20 discentes da UFTM realizaram sua inscrição. Dentre eles, 15 alunos participaram efetivamente das oficinas, sendo eles: 8 licenciandos do curso de Ciências Biológicas, 4 licenciandos do curso de Matemática, 2 licenciandos do curso de Química e 1 licenciando do curso de Física. As inscrições, além de possibilitarem o acesso às informações pessoais dos participantes, permitiu ainda coletar, por meio de um questionário avaliativo do Google (Figura 2), a opinião dos participantes sobre a temática.

Figura 1: Cartaz de divulgação das oficinas



Figura 2: Questionário para a inscrição nas oficinas.

QUESTIONÁRIO DE INSCRIÇÃO.

1. Nome
2. Idade
3. Gênero
4. Curso
5. Orientação Sexual
6. Já sofreu algum preconceito sobre sua orientação sexual? Conte-nos o que aconteceu.
7. Nas horas de lazer com amigos, é normal ouvir quais palavras preconceituosas em formas de “brincadeiras”?
8. Você acha importante abordar questões sobre sexualidade e gênero no âmbito escolar? Por quê?
9. Já presenciou algum ato de preconceito sexual com expressões pejorativas na universidade? Se sim, qual foi sua sensação?
10. Você como futuro educador, acha que com sua maneira de pensar nos dias atuais, saberia lidar caso seus alunos tivessem atitudes preconceituosas dentro sala de aula? Por quê?
11. E fora da sala de aula, como seria sua atitude no meio de uma situação preconceituosa?
12. Você acha que a mídia ajuda a conscientizar sobre o preconceito sexual?

A primeira oficina foi “Sensibilizando futuros professores”, e teve como objetivo a utilização de recursos audiovisuais para promover a sensibilização dos licenciandos presentes na oficina sobre a temática das expressões pejorativas e como elas estão inseridas em muitos discursos do cotidiano escolar e na sociedade em geral. Para essa oficina, realizamos uma roda de conversa após a exposição de um vídeo produzido pelos integrantes do grupo (<https://youtu.be/gNb14NLxbec>, acesso em 06/04/2020). Esse vídeo demonstrava situações cotidianas que acontecem comumente entre amigos e colegas no âmbito escolar, quando as expressões fazem parte dos diálogos de inúmeras pessoas, camufladas em suas falas, passando despercebidas pelo olhar da sociedade e não ganhando notoriedade quando colocadas em questão as consequências do preconceito no que se refere à diversidade sexual. Vale lembrar que o vídeo evidenciou que os receptores das expressões não necessariamente possuíam uma orientação sexual caracterizada pela homossexualidade, mas sim, por qualquer indivíduo que fugisse do padrão heteronormativo.

Dessa forma, no vídeo, foram demonstradas situações em que tanto heterossexuais como homossexuais escutavam “piadas” ou “brincadeiras” sobre gênero e sexualidade, simplesmente por demonstrar uma postura, atitude ou comportamento que distinguisse da heteronormatividade. Jovem que não vai a festa para estudar, é rotulado de “gayzinho”. Mulher que senta com as pernas abertas, é chamada de “sapatão”, pois ela deveria “sentar igual moça”. Situações como essas ilustram como as reações das pessoas que sofrem dessas provocações podem variar, uma vez que a recepção dela é subjetiva e individual. Esse vídeo foi um mobilizador de sensações nos licenciandos e catalisou a discussão da roda de conversa, na qual todos os presentes expuseram qual foi sua sensação ao assistir ao vídeo, gerando reflexões sobre a temática.

A segunda oficina, intitulada “Paródias pejorativas”, foi realizada com o objetivo de se produzir paródias pelos licenciandos, estimulando-os a criar letras com expressões pejorativas utilizando como referência sonora músicas já existentes. Inicialmente, foi reproduzido o clipe de “Indestrutível”, canção do cantor Pablio Vittar (<https://www.youtube.com/watch?v=O8B72HzTuww> acesso em 06/04/2020) que retrata homofobia, *bullying* e agressão física, mas também apresenta nos primeiros segundos do clipe algumas expressões pejorativas, como “gayzão”, “viado” e “acho que essa coca é fanta”. Em seguida, foi reproduzida uma paródia, coletada da plataforma YouTube, nomeada “Paródia 24 horas por dia – Alô, família tradicional brasileira” (https://www.youtube.com/watch?v=p_xzMSAjJts acesso em 06/04/2020), da música “24 horas por dia”, da Ludmilla (<https://www.youtube.com/watch?v=a-kSUQBKqSM>, acesso em

06/04/2020) para inspirar os presentes no momento da sua posterior composição. Tal paródia executada englobou diversos temas dentro da diversidade sexual e evidenciou pessoas que aparentemente superaram os preconceitos sofridos contra sua orientação sexual. Dessa forma, os licenciandos foram divididos em dois grupos que elaboraram, cada um, uma paródia. Após elaborarem a letra, cada grupo apresentou a paródia para os colegas.

A terceira oficina, foi denominada de “Balões preconceituosos”, e teve como principal objetivo mimetizar nos licenciandos o papel daqueles que sofrem o preconceito. Para isto, balões (bexigas) cheios de ar receberam, em seu interior, papéis com situações que retratavam preconceitos e comportamentos em relação a quem sofre provocações em relação ao gênero ou à sexualidade. As situações foram as seguintes:

SOU HOMOSSEXUAL – ME DÊ UM APELIDO PEJORATIVO E FIQUE LONGE DE MIM
SOU HETEROSSEXUAL – ME DÊ UM APELIDO PEJORATIVO, MAS SEJA MEU AMIGO
SOU PRECONCEITUOSO E PREPOTENTE – TENHA MEDO
SOU PRECURSOR DE DISCURSOS PEJORATIVOS – ME CONSCIENTIZE
EU VISTO ROUPAS “INADEQUADAS” PARA O MEU GÊNERO – ME DÊ UM APELIDO PEJORATIVO
EU NÃO TENHO UMA POSTURA DE ACORDO COM O “PADRÃO” PARA O MEU GÊNERO – ME DÊ UM APELIDO PEJORATIVO
MINHA VOZ É DIFERENTE DO “PADRÃO” PARA O MEU GÊNERO – ME DÊ UM APELIDO PEJORATIVO
SOU HOMOSSEXUAL – ME IGNORE
SOU TRANSEXUAL – ME DÊ UM APELIDO PEJORATIVO PELAS MINHAS COSTAS
EU NÃO TENHO UM COMPORTAMENTO DE ACORDO COM O “PADRÃO” PARA O MEU GÊNERO – ME DÊ UM APELIDO PEJORATIVO
SOU HOMOSSEXUAL – FAÇA PIADAS

Cada pessoa escolheu um número correspondente a um balão, e em seguida o estourou. O papel com a situação foi aderido à testa do participante, de forma que ele não conseguia saber qual era, mas os demais licenciandos, sim. Dessa forma, o indivíduo que estourara o balão era categorizado em um grupo de identidade de gênero ou sexualidade e os demais deveriam agir como a situação solicitava. Por exemplo, o papel “Homossexual”

deveria ser tratado pelos demais colegas com “piadas”. Quando todos estavam com as situações em suas testas, iniciamos a dinâmica. Ambos interagiram uns com os outros por um tempo de aproximadamente 5 minutos. Quando alguém se aproximava de um indivíduo deveria tratá-lo de acordo com o que estava rotulado em sua testa. Assim, cada um recebeu um tratamento diferente e pôde se colocar no lugar das pessoas alvo dessas provocações no dia a dia. Porém, os participantes não sabiam o porquê de escutar aquilo, até que descobrissem a personalidade que lhes fora atribuída. Após a dinâmica, uma roda de conversa foi organizada para que as situações fossem discutidas, bem como as sensações vivenciadas pelos licenciandos nas situações de provocação.

A análise dos dados foi realizada a partir das informações coletadas no questionário *online* aplicado nas inscrições das oficinas, nas reflexões registradas no diário de campo, nas paródias elaboradas na oficina 2 e nas observações das atitudes e discursos dos licenciandos participantes das oficinas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os sujeitos-participantes das oficinas corresponderam a 70% de mulheres e 30% de homens, com predomínio de heterossexuais (67%), enquanto os demais (33%) se identificaram como homossexuais (20%) ou bissexuais (13%). A média da idade dos participantes foi 23 anos, sendo que o mais novo tinha 18 anos, e o mais velho, 45 anos. No geral, os participantes relataram nunca terem sofrido nenhum preconceito relacionado à sua orientação sexual.

As expressões pejorativas do cotidiano mais citadas pelos licenciandos foram “bicha”, “viadinho”, “mulherzinha”, “gay”, “boiola” e “sapatão”. Entendemos que as expressões pejorativas em relação a gênero e sexualidade se propagam nas mais variadas formas e atingem os mais diversos indivíduos, porém, analisando tais termos preconceituosos apresentados pelo grupo de licenciandos em que pautamos nossa pesquisa, percebemos que no ambiente social em que eles estão inseridos, essas “brincadeiras” são direcionadas, em sua maioria, para pessoas do gênero masculino.

A socialização masculina é caracterizada por situações nas quais o homem deve evitar comportamentos e padrões heteronormativos atribuídos a mulheres, para ser considerado um homem (BUTLER, 2003; PERROT, 2007; VARGAS; CARVALHO, 2011). O feminino se torna até o polo de rejeição central, o inimigo interior que deve ser combatido sob pena de ser considerado uma mulher e ser (mal) tratado como tal (WENZER-LANG, 2001). Em vista

disso, é frequente que os indivíduos do gênero masculino propaguem e, ao mesmo tempo, sejam receptores do preconceito e alvo de zombarias com mais intensidade, pois estão inseridos em um meio que impõe como deve ser o comportamento de um “homem de verdade”, e quem foge desses padrões é o alvo.

Tal fator é advindo de um contexto histórico-cultural em que nossa sociedade se desenvolveu, no qual a cultura do machismo perpetua-se até hoje com grande magnitude. E em meio a essa socialização masculina, há uma luta constante em seguir os padrões heteronormativos, para que esses sujeitos do sexo masculino não sejam afetados pelas expressões pejorativas e pelas chacotas, como apontado por Wenzler-Lang (2001, p. 465), que conclui “[...] é necessário sempre se distinguir dos fracos, das femezinhas, dos “veados”, ou seja, daqueles que podem ser considerados como não-homens”.

Os licenciandos acreditam, ainda, que abordar questões sobre sexualidade e gênero no âmbito escolar traz uma maior conscientização sobre o tema, instrumentalizando os futuros professores para agir diante das situações preconceituosas. Para eles, muitos casos são provenientes do ambiente escolar, sendo assim, discutir essa problemática poderia reduzir o número de agressores e sujeitos propagadores desses preconceitos. De fato, é na escola que se observam casos cada vez mais frequentes na mídia, situações de preconceito que geram comportamentos discriminatórios diante das mais diversas diferenças (BORGES *et al.*, 2011).

Quando questionados se presenciaram algum preconceito sexual com uso de palavras pejorativas na universidade, a maior parte dos participantes das oficinas disseram ter presenciado e que suas sensações ao testemunharem foram de incômodo, irritação e alguns relataram até que intervieram, pois se sentiram empáticos com quem estava sofrendo tal ato, pois entendem que tais discriminações podem acarretar muitas consequências na vida das pessoas afetadas. Nesse sentido, Godoi (2013, p. 70) ressalta que “[...] ser objeto de risadas alheias constitui frequentemente uma fonte de dores e sofrimentos psíquicos, já que violam expectativas existenciais de reconhecimento coletivo da dignidade pessoal”.

Portanto, é plausível dizer que os sentimentos e as reações dos alvos de preconceito com uso de expressões pejorativas sejam discrepantes, pois as implicações variam de sujeito para sujeito, e mesmo em alta ou baixa escala, é notório que muitas delas acarretam sérios danos aos indivíduos-alvo das provocações.

A questão do posicionamento dos licenciandos, enquanto professores diante das situações de provocação, dividiu as opiniões: parte deles sente que ainda não possuem formação teórica e prática de sala de aula para poder intervir em um assunto delicado como este; outros acreditam se sentirem seguros para poder combater tal ato, pois em sua formação

procuram participar de palestras, oficinas e até mesmo rodas de conversas que podem ser úteis para sua conscientização e para conseguirem tratar o tema com mais precisão e de uma maneira mais adequada.

As oficinas realizadas neste trabalho contemplam um aspecto importante do preconceito em relação ao gênero e à sexualidade na escola: a utilização de expressões pejorativas. A primeira oficina permitiu que os inscitos pudessem compreender o tema abordado através do vídeo executado, no qual foram ilustradas diversas situações do cotidiano em que expressões pejorativas são utilizadas. Algumas dessas impressões (I) são transcritas a seguir:

I1: *“A sensação ao ver cenas de discriminação e preconceito é de extrema indignação, pois é lamentável saber que atitudes como estas ainda são muito presentes em nosso cotidiano, e sem que haja nenhum tipo de punição ao agressor, ou qualquer tipo de conscientização para alterar essa realidade.”*

I2: *“É triste e ao mesmo tempo revoltante, pois se pararmos para analisar situações como essa ocorrem diariamente e muitas vezes as pessoas não percebem o impacto que isso pode ocorrer na vida das vítimas”*

É notável que o preconceito referente a gênero ou sexualidade ainda é muito praticado no meio escolar ou acadêmico, é cometido impunemente devido à falta de conhecimento, ou até mesmo pela ação da heteronormatividade imposta pelo senso comum. Nesse sentido, Souza (2016, p.112) conclui que:

“Uma das instituições em que torna-se bastante visível a diversidade é justamente a escola onde predomina a pluralidade de gêneros e identidades sexuais, em grande parte das vezes, cerceadas pelos muros e amarras, que tentam enquadrar todos/as num padrão social arbitrário que limita e oprime o direito de ser e expressar, de forma segura e democrática, as diferenças.”

A ofensa é praticada por uma pessoa que se sente maior, seja fisicamente ou socialmente, gerando grandes impactos na vida dos oprimidos, pois prevalecem nestes casos a afirmação de poder e vontade a qualquer custo de humilhar o próximo (GRILLO; SANTOS, 2015).

Tais impressões exprimem o desconforto dos licenciandos com a falta de punição do agressor. Do mesmo modo que pessoas se sentem incomodadas, existem aquelas que são empáticas aos agredidos, conforme pode ser notado nas impressões a seguir:

I3: *“Fiquei triste, pois esta realidade faz com que muitas pessoas sofram, muitas vezes em silêncio, podendo acarretar em consequências drásticas e até o suicídio.”*

I4: *“Um sentimento de culpa por usar expressões da sociedade atual sem saber como pode machucar e ferir uma pessoa, muitas vezes por brincadeira as pessoas acabam ferindo os sentimentos de pessoas que carregam um peso muito grande nas costas como faculdade, trabalho e a própria família, devemos pensar no que falamos.”*

I5: *“Após a análise do vídeo percebe-se o quanto algumas ‘brincadeiras’ de mal gosto, ruins e desagradáveis guiam um significativo desconforto com o próximo causando péssimos sentimentos com as pessoas que a escuta.”*

I6: *“Eu senti vergonha e frustração tanto por assistir e ver que há pessoas maldosas, quanto presencialmente. As pessoas têm que ter consciência que não somos iguais, temos gostos distintos e isso nos torna únicos e especiais.”*

Existem leis que combatem tais atrocidades, como a Lei 18.185, de 6 de novembro de 2015, que instituiu o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*bullying*). Este programa conta com uma equipe que capacita os docentes e equipes pedagógicas para lidarem com todos os desrespeitos cometidos com as vítimas do heteronormatismo. O intuito desta ação é tornar o mundo um lugar melhor, sem discriminação e preconceitos, tentando conscientizar todas as pessoas que um dia foram ou serão submetidas a um ambiente diverso (SILVA; BORGES, 2018). O relato a seguir sintetiza uma percepção bem afinada a esta perspectiva:

I7: *“A grande maioria das expressões mostradas no vídeo são frequentemente utilizadas e muitas vezes com muita naturalidade. Sexualidade e gênero que por muito tempo foi um tabu, hoje, vem tomando espaço. Principalmente enquanto mais jovens, as pessoas tendem a brincar e não sentir incômodo nenhum. Com o passar do tempo, com um pouco*

mais de conhecimento, presenciar isso começa a causar certo desconforto e muitas vezes repulsante. Entretanto, para aqueles que sofrem os danos, inúmeras vezes, são maiores.

A despeito dessa perspectiva empática, alguns licenciandos não consideram a utilização das expressões pejorativas uma agressão ao sujeito. Um deles afirma, por exemplo:

I8: *“Apesar de saber que acontece muito, não observo ou presencio o uso dessas expressões no meu cotidiano, pelo menos não com uma frequência perceptível para mim. Com consideração a isso, não senti empatia ou nenhuma proximidade com a realidade exposta.”*

É compreensível que haja uma diversidade em relação às opiniões sobre as expressões pejorativas e ao preconceito, mas a maioria delas visa à igualdade e ao bem-estar geral, notando -se uma certa consciência sobre o tema.

A segunda oficina, por sua vez, possibilitou a produção de paródias integrando as expressões pejorativas em sua composição. Utilizamos o método de paródia para essa oficina pois os jogos ajudam a criar um entusiasmo sobre o conteúdo a ser trabalhado, a fim de considerar os interesses e as motivações dos educandos em expressar-se, agir e interagir nas atividades lúdicas realizadas (CHAGURI, 2006; BARCELOS; JACOBUCCI, 2011; ARAGÃO, 2018). As paródias realizadas na oficina foram transcritas abaixo, possibilitando a discussão e observação de como os grupos integraram o tema nessa atividade e quais foram as expressões mais decorrentes utilizadas. A primeira, baseada na música “Dona Maria”, de Thiago Brava (<https://www.youtube.com/watch?v=qaPDDTLkB2U> , acesso em 06/04/2020) e a segunda, “Vai Malandra”, de Anitta e colaboradores (https://www.youtube.com/watch?v=kDhptBT_-VI, acesso em 06/04/2020):

Paródia grupo 1:

*Me desculpa vir aqui desse jeito
Diferente do traz seu conceito
De camisa larga, o que mulher não faz
Caminhoneira, sapatão, me diz o que mais;
Eu também tenho os meus direitos
Ser diferente não é um defeito
E o que muitos falam, todo mundo faz*

Mas hoje eu não vou aceitar levar um não pra casa

Dona Maria

Deixa eu namorar a sua filha

Ser lésbica não é putaria

Homofóbico não entra no céu

Dona Maria

Deixa eu namorar a sua filha

Deixa de lado essa sua homofobia

Homofobia não é um bom papel

Paródia grupo 2:

Vai bichinha, an an

Ê tá louca, tu dando esse bumbum

Tá pedindo, an an

Se me olhar eu vou te descer minha mão

Cê aguenta, an an

Com três murros com certeza vai pro chão

Bicha. Baitola, viado

Se eu te pego te arrebento

Se começar se engraçar comigo é

Taca, taca, taca, taca

Quando aplicamos atividades lúdicas em sala temos que ter a consciência de que não há possibilidade de dar receitas, uma vez que a atividade proposta estará envolvida com múltiplos fatores sociais, os quais irão variar de acordo com o grupo (CHAGURI, 2006; BARCELOS; JACOBUCCI, 2011; ARAGÃO, 2018).

A paródia é um exercício interessante para demonstrar, representar e aplicar os conteúdos teóricos, constituindo-se em uma forma criativa e crítica de encarar o aprendizado de forma prática (XAVIER, 2014). As duas paródias partiram para percepções diferentes, observamos que o grupo 1 utilizou as expressões pejorativas com o intuito de conscientização em relação à homossexualidade, também para mostrar que ainda existe um estereótipo construído em volta do sexo feminino, como o jeito de ser, de se vestir e em como a sociedade possui essa visão heteronormativa. O segundo grupo, abordando também o tema da homossexualidade, utiliza em sua paródia, expressões colocadas para evidenciar a agressão ao

homossexual: “Se me olhar eu vou te descer minha mão” “com três murros com certeza vai pro chão”, além de expressões pejorativas relacionadas ao gênero e à sexualidade como “bichinha”, “baitola”, “viado” que também são um tipo de agressão, e ainda comumente são usadas em nosso cotidiano, sem a visão de como isso pode influenciar na vida de pessoas que sofrem sobre tais ações. Os agredidos geralmente expressam vergonha e culpa simplesmente por “serem”, e são frequentemente censurados e controlados, e há uma perspectiva de que a sexualidade do outro é uma questão individual, e a dimensão social e política da questão é ignorada (LOURO, 2000).

O fenômeno do preconceito e discriminação contra homossexuais, bissexuais e transgêneros (ainda que essa seja uma nomenclatura ainda sem amplo acordo, utilizada aqui como englobante para travestis e transexuais) acontece em diversos locais da vida em sociedade, no trabalho, na família, nas instituições de ensino, no acesso a serviços públicos ou privados (GODOI, 2013). A criação de espaços para debater sobre isso, introduzir essa discussão no ambiente de ensino, mesmo que de uma forma mais dinamizada e prática, como no caso da utilização das paródias, é dar um passo para superar esse preconceito:

“[...] ao longo da existência do ser humano, a prática de associar qualquer disciplina à música sempre foi bastante utilizada e demonstrou muitas potencialidades como fator auxiliar no aprendizado, podendo ainda despertar e desenvolver nos alunos sensibilidades mais aguçadas na observação de questões próprias à disciplina alvo, além de melhorar a qualidade do ensino e aprendizado, uma vez que estimula e motiva professores e alunos. (MELO; ASSIS, 2013, p.4.)”.

Os futuros docentes devem saber integrar metodologias ativas e diversificadas de ensino para que haja engajamento por parte dos estudantes nas questões que pretendem ser abordadas, no caso deste trabalho o preconceito em relação à diversidade sexual e ao gênero. Essas metodologias podem estimular o pensamento crítico e o ato reflexivo, o que significa desenvolver a capacidade de observação, análise, crítica, autonomia de pensar e de ideais, ampliar os horizontes, tornar-se agente ativo nas transformações da sociedade, buscar interagir com a realidade. (MARIA, 2009)

A terceira oficina possibilitou que os participantes pudessem experienciar o preconceito de forma direta e intensa, colocando-se no lugar das milhões de vítimas que cotidianamente sofrem com as agressões realizadas por meio das expressões pejorativas, além de revelar a esses licenciandos uma sutil amostra de sensações que tais receptores do preconceito vivenciam, levando-os a imaginar as possíveis consequências que os atos discriminatórios - advindos principalmente no âmbito escolar - podem desencadear.

A dinâmica dos balões desencadeou, em um primeiro momento, o “riso” dos participantes, causado sobretudo pelo estranhamento ao receberem tantas injúrias e expressões de baixo calão quando se deparavam com os outros participantes na tentativa de descobrir qual seria sua personalidade na dinâmica. Porém, assim que perceberam a magnitude do que estavam escutando e relacionaram essa experiência com os diversos preconceitos existentes contra indivíduos que fogem dos padrões heteronormativos, um clima de seriedade foi invadindo o ambiente. Após o término da dinâmica, quando os licenciandos foram questionados sobre suas sensações ao escutarem as expressões pejorativas, os participantes sentiram-se ofendidos, constrangidos e oprimidos com o que ouviram. Eles relataram que não gostariam de escutar tais expressões se realmente possuíssem tal personalidade, comportamento ou gênero em questão.

Foi perceptível que o impacto da dinâmica nessas pessoas foi de grande expressividade. Notou-se uma certa tensão e comoção, quando iniciada a roda de conversa da oficina. Um participante, que foi sorteado com a situação de “Sou homossexual – me exclua”, relatou sentir um grande desespero nos poucos minutos da atividade, pois quando os demais integrantes da dinâmica se deparavam com ele, o ignoravam. Esse processo de exclusão é uma das dimensões da homofobia.

A homofobia na escola gera grande impacto na vida de quem sofre esse tipo de violência e essa se manifesta nos sentimentos, na dignidade, no sucesso ou fracasso escolar, tornando o indivíduo excluído do círculo social escolar e o fazendo por vezes até mudar de escola e até mesmo abandonar os estudos. (PERUCCHI; CORRÊA, 2013). Madureira e Branco (2007) ressaltam que a escola, em conjunto com outras instituições sociais, pode criar e reforçar preconceitos e Garcia (2009) revela que os homoafetivos experienciam durante sua trajetória na escola violência e discriminação na forma de preconceitos flagrantes e sutis, este último inclusivo pelo corpo docente, constituindo o que Junqueira (2009) chamou de pedagogia do insulto.

O preconceito por parte da sociedade contra os homoafetivos provoca-lhes um grande sofrimento psíquico, pois estes vêm em um conflito entre os seus sentimentos e desejos e os valores e normas impostos pela sociedade no que diz respeito à sexualidade. Tal sofrimento não está no fato de ser homoafetivo, mas sim pelas consequências que o preconceito traz para a vida dessas pessoas e no medo de ser rejeitado pela família e pela sociedade em geral. Observa-se que esse sofrimento psicológico é causado pelo preconceito e pela rejeição a que é submetido o homoafetivo nos seus meios sociais. (HONORATO, 2009)

Compreendemos que cada indivíduo reage às expressões pejorativas de uma maneira, os danos são imprevisíveis e atingem todos que fogem da heteronormatividade. Porém, em relação aos/às jovens não-heterossexuais, há indícios de possíveis efeitos em sua saúde, no tocante às consequências das diferentes formas de violência (da injúria à agressão física) sofridas no período escolar. (PERUCCHI; CORRÊA, 2013)

Os professores devem se sentir plenamente preparados para intervir e mediar tais situações, e essas questões relativas à sexualidade humana sejam discutidas desde a formação inicial e aprimoradas ao longo da carreira e nas formações continuadas em exercício. Os cursos de formação inicial precisariam rever seus projetos pedagógicos e o currículo, assim como a formação continuada em serviço, de forma que a educação da sexualidade fosse abordada de forma mais efetiva, com a inserção de disciplinas relacionadas à sexualidade, por exemplo. O objetivo seria preparar os futuros educadores para atuar de forma intencional e embasada nas situações que envolvam ações de educação para a sexualidade (MAIA; RIBEIRO, 2011; LEÃO *et al*, 2013).

O trabalho de formação inicial dos professores será exitoso caso ele também seja desenvolvido a *posteriori*, ou seja, com base nas dificuldades enfrentadas no cotidiano da sala de aula e demais espaços da escola, nem sempre claras/perceptíveis para eles. Para tanto, é importante romper com as propostas “preestabelecidas”, que utilizam estratégias homogêneas e que são voltadas à formação em massa, e centrar as estratégias com base na escuta dos professores. É fundamental saber o que os professores pensam sobre a educação, sobre as expressões de sexualidade que ocorrem cotidianamente na escola e sobre o modo como lidam com essas expressões (GESSER *et al.*, 2012).

Os professores, mesmo os preparados para atuarem e intermediarem situações discriminatórias na sala de aula e no ambiente escolar propriamente dito, podem sofrer uma opressão por parte das instituições escolares, diretores, coordenadores e até mesmo dos pais, que podem proibi-los de abordar temas relacionados à sexualidade na sala de aula ou interrompam seus conteúdos para qualquer explicação que fuja do tema, deixando “brincadeiras” discriminatórias passarem despercebidas:

O excesso de responsabilidades expõe uma possível razão para que brincadeiras e alguns enfrentamentos em sala de aula acabem por ser tolerados e/ou ignorados, pois o tempo que se leva discutindo uma brincadeira pode ser o tempo necessário para vencer o conteúdo. (BORGES *et al.*, 2011, p.33)

Além disso, muitos professores são precursores de tais discursos pejorativos em relação a gênero e sexualidade, e utilizam de tais recursos para se mostrarem brincalhões e/ou cativarem a atenção dos alunos. As piadas, gozações e o escárnio estão presentes como metodologia pedagógica, por profissionais que precisam do riso e da comédia para entreter seus discentes, uma vez que manutenção da disciplina em sala de aula não tem mais sustento se acontece necessariamente pelas vias da repressão e do autoritarismo (GODOI, 2013).

É inadmissível que qualquer profissional da educação propague as expressões e “piadas” para as crianças, adolescentes e jovens. Seu papel como o próprio nome sugere é educar, e não formar mais cidadãos intolerantes com as diferenças. Muitas vezes, as instituições de ensino e os profissionais da educação não possuem conhecimento que tais questões, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, devem ser abordadas sempre que necessário no âmbito escolar:

Com relação aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) – que indicam que questões de gênero e sexualidade devem ser tratadas de forma transversal –, estes são, de maneira geral, conhecidos superficialmente pela escola. Nossas informantes são unânimes quando falam da necessidade de uma formação específica e continuada a esse respeito, a fim de instrumentalizar essa diretriz. Destacamos ainda que, para além do conhecimento das diretrizes apresentadas nos PCNs no item intitulado orientação sexual, é necessário perceber como, também neste documento oficial, a diversidade sexual é abordada de forma sutil. (BORGES *et al.*, 2011, p.34)

Finalizando, se presenciassem alguma atitude de preconceito fora de sala de aula, a maior parte dos envolvidos com as oficinas descreveram que interviriam na ação do agressor, buscando a conscientização. Porém parte deles relatou que talvez não iria interferir, por exemplo, pelo fato de a sociedade ser muito agressiva, e que a intervenção poderia acarretar em uma discussão ou até mesmo briga. Mas outros comentaram que sua reação dependeria da situação e do contexto em questão. Em meio a tais argumentos, é possível refletir que combater atitudes preconceituosas na prática é uma tarefa árdua, e muitas vezes perigosa. É um processo que acontece a longo prazo, e são derivados de mudanças que devem se intensificar na educação básica e prosseguir no desenvolvimento dos indivíduos. Em vista disso, os educadores têm papel fundamental na formação desses cidadãos e são chave essencial para fazer a diferença e permitir que futuramente nossa sociedade seja menos agressiva e mais pacífica com as diferenças.

No Brasil, além de serem raros os programas de educação sexual nas escolas, há um reforço à produção de masculinidades e feminilidades não-transgressivas dos catálogos identitários reconhecidos socialmente, pressupondo a heterossexualidade como norma, a

ponto de tudo aquilo que estiver fora dela ser tratado como desviante. Ou seja, até mesmo os programas de educação sexual na escola reproduzem o processo da heteronormatividade. Assim sendo, adolescentes são quase sempre marginalizados em sala de aula. Por esse motivo, as escolas são vistas com frequência como locais inseguros para pessoas com essas características (LOURO, 2000; MOURA; EMÉRITO, 2011). Por esse motivo, permitir que futuros professores sintam o preconceito é fundamental para despertar neles empatia pelos indivíduos descriminalizados, e conseguinte, capacitar professores que não permitam que tais atos e exclusões ocorram no ambiente escolar. Os professores devem estar preparados para atuarem ativamente na busca de um ambiente igualitário e que respeite as diferenças.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sensibilização dos futuros professores que participaram das oficinas e coleta de expressões pejorativas em relação a gênero e sexualidade por meio de oficinas que permitam aprendizagens ativas e momentos coletivos de reflexão podem ser uma alternativa para a formação inicial e continuada de professores no que tange à educação para a sexualidade.

Percebemos que o grupo de licenciandos do ICENE/UFTM possuem um maior esclarecimento sobre o grande tema diversidade sexual, ou seja, todos os participantes respeitam as diferenças e buscam em sua formação tornarem-se profissionais íntegros e que persistem em aniquilar os preconceitos e os atos discriminatórios decorrentes de tal diversidade. Constatamos também que as expressões mais denotadas entre eles foram: “bicha”, “viado” e “boiola”, e que são destinadas em sua maioria para indivíduos do gênero masculino.

Por meio das oficinas, podemos intensificar as reflexões a respeito do tema e abrir os olhos dos participantes em relação às expressões pejorativas, uma vez que esses preconceitos passam tão despercebidos quando estão disfarçados em meio às piadas, “brincadeiras” e gozações. Foi possível demonstrar, também, os impactos que tais ações ofensivas podem gerar em um primeiro momento nas vítimas, e posteriormente na sociedade, afetando principalmente o âmbito escolar.

Constatamos que os usos das expressões de baixo calão estão intimamente relacionados com os padrões heteronormativos, impostos por nossa sociedade e derivada de um contexto histórico-cultural em que os comportamentos machistas prevalecem até os dias atuais. Sendo assim, não necessariamente atingem os homossexuais, mas todos os indivíduos que possuem comportamentos, posturas e ações que se diferem dos padrões heterossexuais.

É perceptível, também, que após o desenvolvimento desse estudo, a formação dos futuros professores precisa ser repensada no que diz respeito à diversidade sexual e propagação de preconceitos, além de capacitar profissionais que saibam intervir quando se depararem com a intolerância e brincadeiras impróprias no que se refere a gênero e sexualidade. É indispensável também uma formação específica com professores já em exercício, diretores e coordenadores, assim como qualquer profissional na área da educação.

Isto posto, esperamos que o presente artigo ajude na sensibilização de outros profissionais na área da educação, além de contribuir para que a longo prazo tais expressões pejorativas sejam erradicadas do ambiente escolar, refletindo assim em toda sociedade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. V. **Senhores de si**: uma interpretação antropológica da masculinidade. Lisboa: Fim de Século, 2002.

ANDREOLI, G. S. Representações de masculinidade na dança contemporânea. **Revista Movimento**, v. 17, p. 159-175, 2011.

ARAGÃO, H. T. **Educação em saúde como estratégia de intervenção pedagógica acerca do Zika vírus e sexualidade**. 2018, 145 f. Dissertação (Mestrado em Saúde e Ambiente) – Universidade Tiradentes – Aracaju (SE). Disponível em: <<https://openrit.grupotiradentes.com/xmlui/bitstream/handle/set/3104/HERIFRANIA%20TOURINHO%20ARAG%c3%83O.pdf>>, acesso em 06/04/2020).

BARCELOS N. N. S. E, JACOBUCCI D. F. C. Estratégias didáticas de educação sexual na formação de professores de Ciências e Biologia. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 10, p. 334-345, 2011.

BORGES, Z. N.; PASSAMANI, G.R.; OHWEILER, M.I.; BULSING, M. Percepção de professoras de ensino médio e fundamental sobre a homofobia na escola em Santa Maria (Rio Grande do Sul / Brasil). **Educar em Revista**. Curitiba, n.39, p.21-38, 2011.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARRIERI, A. P et al., Gender and work: representations of femininities and masculinities in the view of women Brazilian executives. *Brazilian Administration Review*, v. 10, p. 281-303, 2013.

CHAGURI, J. P. **O uso de atividades lúdicas no processo de ensino/aprendizagem de espanhol como língua estrangeira para aprendizes brasileiros**. Disponível em: <<https://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/u00004.htm>>, acesso em 03/04/2020. 2006.

CONNEL, R. W. La organización social de la masculinidad. *In: VALDEZ, T.; OLAVARRÍA, J. (Eds.). Masculinidad/es: poder y crisis* (pp. 31-48). Santiago: Ediciones de las Mujeres, 1997.

COSTA, J. F. **A inocência e o vício: estudos sobre o homo erotismo**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992.

GARCIA, M. R. V. Homofobia e Heterossexismo nas escolas: Discussão da produção científica no Brasil e no mundo. *In: Anais do IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL*, São Paulo, 2009.

GESSER, M. *et al.* Psicologia escolar e formação continuada de professores em gênero e sexualidade. **Psicologia Escolar e Educacional**. Paraná, vol. 16, n. 2, p. 229-236, 2012.

GODOI, R. L. C. **A regulação da sexualidade e da identidade de gênero através do riso: As piadas nas escolas**. 2013. 94 p. Dissertação (Bacharelado em Ciências Sociais) – Universidade de Brasília. Brasília, 2013.

GRILLO, M. A.; SANTOS, A. C. S. Bullying nas escolas. **Colloquium Humanarum**, Presidente Prudente, v. 12, n. 3, p.61-74, 2015.

HALE, H. C. The role of practice in the development of military masculinities. **Gender, Work & Organization**, v. 19, p. 699-722, 2012.

HOLTER, O. G. Social theories for researching men and masculinities: direct gender hierarchy and structural inequality. *In: KMMEL, M. S.; HEARN J.; CONNELL, R. W. (Orgs.). Handbook of studies on men & masculinities* (pp. 15-34). California: Sage, 2004.

HONORATO, E. J. S. Para entender a homofobia como sintoma de grupo, por meio da sétima arte. **Ciência & Vida**. São Paulo: Escala, 2009.

JESUS, C. C. Homossexualidade nas Escolas: as Concepções de Educadores acerca da Homofobia no Contexto Escolar. **Boletim Historiar**. Sergipe, n.08, p. 19-32, 2015.

JUNQUEIRA, R. D. Homofobia nas Escolas: um problema de todos. *In: JUNQUEIRA, R. D. (Org.). Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia na escola*, Brasília: Ministério da Educação, 2009.

JUNQUEIRA, R. D. A Pedagogia do Armário: heterossexismo e vigilância de gênero no cotidiano escolar. **Educação On-line PUC-RIO**. Rio de Janeiro, n.10, p. 64-83, 2012.

KIMMEL, M. A. Produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes Antropológicos**, v. 4, p. 103-118, 1998.

LAMONT, M. **The dignity of working men: morality and the boundaries of race, class, and immigration**. Cambridge: Harvard University Press, 2000.

LEÃO, A. M. C. *et al.* **Sexualidade e orientação sexual na escola em foco: algumas reflexões sobre a formação de professores.** Linhas, v. 11, n. 1, p. 36-52, 2010.

LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade,** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LOURO, G. L. **Corpo, escola e identidade.** Porto Alegre: Educação e Realidade, 2000.

MADUREIRA, A. F. A.; BRANCO, A. U. Identidades sexuais não-hegemônicas: processos identitários e estratégias para lidar com o preconceito. **Psicologia, Teoria e Pesquisa,** Brasília, 2007.

MAIA, A. C. B.; RIBEIRO, P.R.M. Educação sexual: princípios para ação. **Doxa: Revista Brasileira de Psicologia e Educação.** Araraquara, v. 15, n. 1, p. 75-84, 2011.

MARIA, G. **Pensamento Crítico Reflexivo em Enfermagem.** Universidade Estadual de Juiz de Fora, Faculdade de Enfermagem. Juiz de fora, p. 1-5, 2009.

MELO, T; ASSIS, M. Paródia Musical Como Ferramenta na Educação Ambiental Escolar. **Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PPGE/UEPB.** Paraíba, p.1-11. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/eniduepb/trabalhos/Modalidade_6datahora_04_10_2013_11_40_57_idinscrito_641_f471c7534abf65bbf80b18bdfd226bf9.pdf>, acesso em 07/04/2020, 2013.

MOURA, H. C; EMÉRITO, M. F. B. A homofobia na escola e as consequências psicossociais. **Revista FSA.** Teresina, n. 8, 2011.

MOSSE, G. **The image of man: the creation of modern masculinity.** Oxford: Oxford University Press, 1996.

MOURA, H. C.; EMÉRITO, M. F. B. A homofobia na escola e as consequências psicossociais. **Revista FSA,** v. 8, p. 347-361, 2008.

PERROT, M. **Minha história das mulheres.** São Paulo: Contexto, 2007.

PERUCCHI, J.; CORRÊA, C. G. Uma análise psicossocial de experiências de violência homofóbica vividas por jovens LGBT no período escolar. **Nova Perspectiva Sistêmica.** Rio de Janeiro, n. 46, p. 81-99, 2013.

PORTO, J. L.; FEITOSA, S.A. “Põe a cara no sol, mona”: a heteronormatividade no exercício da profissão do jornalista *gay*. **SBPjor (VII Encontro Nacional de Jovens Pesquisadores em Jornalismo).** Disponível em: <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/jpjour/JPJor2017/paper/view/922/249>, acesso em 02/04/2020.

SARAIVA, L. A. S.; SANTOS, L.T.; PEREIRA, J. R. Heteronormatividade, masculinidade e preconceito em aplicativos celulares: o caso do *Grindr* em uma cidade brasileira. **Brazilian Business Review,** v. 17, p. 114-131, 2020.

SILVA, L. O.; BORGES, B. S. Bullying nas escolas. **Direito & Realidade**, v.6, n.5, p.27-40,2018.

SOUZA, E. M.; MORAES, M. W. P. S.; DUARTE, P. P. P.; HIGASHI, R. A produção científica sobre masculinidade na administração: análise dos trabalhos publicados no decênio 2001-2010. **Gestão e Sociedade**, V. 6, p. 199-218, 2012.

SOUZA, E. J. SILVA, J. P.; SANTOS, C. Diversidade Sexual e homofobia na escola: (des)conhecimento e vivências de docentes. **Educação em Questão**. Natal, v. 54, n.41, p. 111-138, 2016.

TEIXEIRA-FILHO, F. S.; MARRETTO, C. A. R. Homossexualidades, homofobia e tentativas de suicídio em adolescentes LGBT1. **Fazendo Gênero 8 – Corpo, Violência e poder**. Florianópolis, p. 1-8. 2008.

VARGAS, J. R.; CARVALHO, R. S. Problematizando discursos heteronormativos de professores/as dos anos iniciais do ensino fundamental: algumas questões para pensar a formação. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 123, p. 93-101, 2011.

XAVIER, R. A. G. O uso de paródias em abordagens conceituais: vivência na formação inicial para a docência. **Seminário internacional de Educação Superior da Universidade de Sorocaba – Uniso**. Sorocaba, p. 1-10, 2014.

WARNER, M. (Ed.). **Fear of a queer planet** (6th ed.). Minneapolis: University of Minnesota, 1993.

WENZER-LANG, D. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Estudos Feministas**. vol. 09, n.2, p. 460-482, 2001.

Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:

ORTOLAN, L. S; POSSARI, D. S; PIRES, V. G; GALEGO, L. G. C; PEREIRA, F. L. O Uso de Expressões Pejorativas em Relação a Gênero e Sexualidade na Perspectiva de Futuros Professores. **Rev. FSA**, Teresina, v.17, n. 8, art. 7, p. 149-172, ago. 2020.

Contribuição dos Autores	L. S. Ortolan	D. S. Possari	V. G. Pires	L. G. C. Galego	F. L. Pereira
1) concepção e planejamento.	X	X	X	X	X
2) análise e interpretação dos dados.	X	X	X	X	X
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X	X	X	X	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.				X	X